

# Psicologia, história e linguística<sup>1</sup>

Arno Engelmann<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo

## Resumo

No artigo mostro algo sobre a modificação de termos que indicam significados psicológicos. A fim de demonstrá-lo corretamente, é necessário utilizar também métodos da história e da linguística. História é parte absolutamente necessária da vida de psicólogos, assim como de outros cientistas. As características da época são uns dos fatos importantes para explicar a maneira de ver o trabalho psicológico. Além disso, os conceitos usados refletem a etimologia e a semântica. A semântica, ramo da linguística, estuda a relação entre significados e palavras. A etimologia pode utilizar as mudanças de significado das palavras com o tempo. Estas palavras mudam de significado com a época e com o particular psicólogo. No final, apresentei um exemplo a respeito da modificação de significado das palavras afetivas, desde o início da literatura grega antiga até os dias de hoje.

**Palavras-chaves:** conceitos; história da psicologia; etimologia; semântica e emoção.

## Psychology, history, and linguistics

### Summary

Exhibitions of psychological words modification in the history have been shown. Besides methods of psychology, methods of history and of linguistics have also their part in it. Psychologists, as well as other scientists, have necessarily an historical bending, because they work naturally in an historical period. Psychological concepts use words that are meaningful according to semantic rules and that change according to etymology. Semantics study the relationship between meanings and words. Etymology study the change of meaning of words. They change with the historical period and also with the particular psychologist. Semantics and etymology are both branches of linguistics. An example about changing of affective words between the beginning of ancient Greek literature and now-a-day period are given.

**Key words:** concepts; history of psychology; etymology; semantics e emotion.

Conhecemos uma ou várias tendências da psicologia deste ano de 1998. Conhecemos, também, uma linguagem específica utilizada por grupos de indivíduos que a empregam na profissão e/ou na pesquisa e/ou na teoria. É um conjunto de palavras que evocam em cada possuidor dessas palavras um significado comum.

Por exemplo existe um grupo que usa palavras como “controle”, “aversão”, “reforçamento”, “regra”, “condição encoberta”, “custo de resposta”. Há outro grupo que usa palavras como “fantasia”,

“fetichismo”, “fase pré-ediapiana”, “complexo de castração”, “inconsciente”. Outros ainda utilizam palavras como “tempo de reação”, “tamanho familiar”, “processo mnemônico visual”, “ponto cego”. Há aqueles que utilizam “mediação social”, “faz-de-conta”, “modularidade”, “processo microorganizacional”, “isolamento social”, “mensagem persuasiva”. São todas palavras que retirei de publicações feitas no Brasil nesses últimos três anos.

Seriam estas palavras também utilizáveis ao redor de 1950? Há hoje em dia livros de autores um

1. Simpósio Epistemologia e História da Psicologia, realizado na XXVIII Reunião Anual de Psicologia, outubro, 1998.

2. Universidade de São Paulo - Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Experimental. Av. Prof. Mello Moraes, 1721 / Bloco A / CEP. 05508-900. São Paulo, SP. Fone: (0xx11) 8184444 / Fax: (0xx11) 8184357.

pouco antigos que conservam contudo a sua atualidade. O livro mais fácil de Skinner, *Ciência e comportamento humano*, em sua versão original, data de 1953. Ainda que os trabalhos de Skinner se iniciem nos anos posteriores a 1930, 1950 é a época na qual havia um vocabulário de palavras inglesas características da análise experimental do comportamento. Essas palavras receberam a tradução em português após a chegada aqui do querido Prof. Fred S. Keller. Na época de 1950 foram publicados nos Estados Unidos, também, dois livros importantes de Clark Hull: *Essentials of behavior* em 1951 e *A behavior system* em 1952. No grupo enorme de psicólogos experimentais que se baseavam na versão behaviorista hulliana, esses dois livros foram momentos muito importantes. Hull utilizava em sua psicologia palavras como “drive” ou “D”, “habit” ou “sHr”, “incentive motivation” ou “K”, etc. Sua teoria foi transplantada no Brasil pelo falecido Prof. Joel Martins. Nos Estados Unidos é presentemente esquecida ao contrário da do seu rival, Edward Tolman. Tolman, um importante behaviorista é considerado um dos pais do cognitivismo. Um dos muitos nomes que se podia dar à teoria de Tolman é chamá-la de “behaviorismo cognitivo”.

O estudo da percepção era dominado nos Estados Unidos pela transferência da Alemanha dos principais psicólogos gestaltistas. A tradução de palavras criadas em alemão para o inglês envolveu muitas vezes uma recriação. Encontramos na percepção uma linha de pesquisas que se inicia com trabalhos de Wundt e seus contemporâneos e que termina em psicólogos atuais. Da mesma forma há estudos de psicofísica que se iniciam na mesma época. As obras mais antigas podem ser lidas presentemente. Os estudos desenvolvimentais da linha piagetiana de origem lingüística francesa apresentam como básico obras de Piaget desde a década de 1920.

Estudos psicanalíticos começam com Freud. Freud escreveu sobre psicanálise desde 1892 até sua morte em 1939. Sua obra foi escrita em alemão. O curioso é que quando traduzida para o inglês, os tradutores criaram novas palavras. A tradução para o português, sob a direção de Jayme Salomão, reproduziu muitos vocábulos criados para o inglês.

Em 1900 a situação da psicologia era a de uma ciência nova. O foco principal eram estudos de consciência, ainda que todos realizassem isto com a colaboração de fatores não conscientes. A língua mais conhecida entre os novos psicólogos era o alemão. A obra colossal de Wilhelm Wundt procurou dar à psicologia ares de ciência empírica. Inúmeras pessoas que iriam se distinguir na psicologia ou na filosofia foram seus alunos. Entretanto, para Wundt e muitos contemporâneos seus, o lugar da psicologia era bípede: de um lado, a psicologia experimental, o ramo superior das ciências naturais, e de outro a psicologia social, ou mais claramente, a psicologia dos povos – *Völkerpsychologie*, o ramo básico das ciências espirituais. Essa psicologia social não se submetia à experimentação. Entretanto, ambas as psicologias contribuíram a aumentar o vocabulário psicológico.

Boring, um dos principais autores americanos de história da psicologia, coloca na capa do seu livro básico um mapa contendo as principais universidades da Europa Central. A psicologia no século passado passava-se dentro dessa região geográfica. Dentre 35 universidades, havia apenas uma na qual não se falava alemão. Duas universidades, a de Cracóvia e a de Praga, estavam sob domínio austríaco. Os primeiros psicólogos eram, na maioria, de fala alemã.

Os mapas da Europa mudaram desde 1870. Em 1870, a Alemanha e a Itália acabaram de se unificar. A Áustria-Hungria formava um grande império que apresentava a dominação da língua alemã, à qual se juntavam pessoas falando húngaro, esloveno, croata, checo, polonês, eslovaco e ruteno. O império russo dominava a parte oriental da Polônia, os países bálticos e a Finlândia. A partir de 1871 as únicas repúblicas da Europa eram a Suíça e a França. Entretanto, muitas monarquias apresentavam parlamentos; o monarca absoluto dominava poucos países, como a Rússia. A América mostrava países com territórios não muito diferentes dos atuais. O Brasil era um império com parlamento. Os outros países livres eram repúblicas, ainda que frequentemente sob forma ditatorial. A Espanha possuía ainda duas ilhas: Cuba e Porto Rico. Havia pequenas colônias inglesas, francesas e holandesas, a

não ser o Canadá, que era um domínio inglês. No norte da África, França, Grã-Bretanha e Itália estavam prestes a dividir países de domínio turco, a não ser o sultanato do Marrocos. A Etiópia e a Libéria eram países independentes. O resto ficou colonizado pela Grã-Bretanha, França, Portugal, Alemanha, Bélgica, Itália e Espanha. Na Ásia, na parte meridional havia colonialismo inglês, francês e holandês.

A partir do tratado de Versalhes, em 1919, a Europa ficou dividida em inúmeros países. O império austro-húngaro se desfez. Na Rússia os comunistas tomaram o poder. Depois da última Guerra Mundial, em 1945, muitos países da parte oriental da Europa se tornaram comunistas. Uma revolução comunista venceu na China. Os países árabes, a Índia, a Indonésia, o Vietnã, a Camboja e o Laos se tornaram independentes. Os três últimos países após longas guerras se tornaram comunistas. O mesmo aconteceu com Cuba. Os países antes colonizados na África conseguiram independência. Atualmente, a partir de 1989, o comunismo retrocedeu na maioria dos países em que se havia estabelecido, com a exceção da China, Vietnã, Cuba e Coreia do Norte. A onda neo-liberal financeira ganhou importância mundial. Atualmente, há uma insatisfação com esta política e vários países votaram em governos social-democratas.

Falei, de um modo muito superficial, sobre algumas mudanças históricas nestes últimos 130 anos. Os psicólogos, como outras pessoas, sofreram essas mudanças. Conforme a localização geográfica essas mudanças foram mais ou menos sentidas.

Os psicólogos estudam línguas estrangeiras para ler obras importantes não traduzidas. Além disso, vão a congressos internacionais. Nesses congressos só uma ou algumas línguas são aceitas. Havia dito anteriormente que o alemão dominava o campo psicológico. Entre as duas grandes guerras, os Estados Unidos contribuíram bastante com obras psicológicas. Com o advento do nazismo na Alemanha, um grupo grande de psicólogos se dirigiram para os Estados Unidos. Depois da segunda guerra mundial o inglês foi sendo dominante na área psicológica, não obstante trabalhos importantes nas línguas francesa, russo, japonês, alemão, espanhol e português.

Wundt, ao propor uma psicologia fisiológica ou experimental, abriu para as pessoas que mantinham interesse por assuntos da consciência um caminho científico empírico. A esse interesse é preciso juntar a obra experimental de Fechner a partir de 1851 e os estudos fisiológicos de Helmholtz e de Hering, no século XIX, que resultaram numa parte psicológica. Entretanto, o vocabulário da "nova" psicologia era muito mais antigo. A psicologia era antes um ramo da filosofia, na qual havia observação de acontecimentos internos. Com esse nome ou sem esse nome o interesse pelo problema recua, pelo menos, para o início da filosofia grega. Entretanto, antes de haver interesse pelo assunto, havia pessoas que conversavam utilizando esses termos psicológicos.

Como as várias palavras de significado psicológico evoluíram desde as cidades gregas da Anatólia durante o século VI A. C. até os dias de hoje? Quais as palavras utilizadas para este fim? Ambas as perguntas terão respostas da ciência conhecida como *lingüística*. A lingüística apresenta como objetivo o estudo científico da língua. É importante que a língua seja pesquisada como um objeto independente, ainda que a sua produção e a sua audição ocorram apenas em seres humanos. A causa do comportamento verbal evidentemente é um problema psicológico. A maneira com que determinadas estruturas de sons são capazes de serem percebidas auditivamente como língua são também problemas psicológicos. Entretanto a língua, que existe fora do locutor e do ouvinte, é pesquisada também. Aceitando-se a Teoria Geral de Sistemas, os problemas no qual atuam indivíduos animais são problemas de organismo. Problemas nos quais a língua é produzida por animais da espécie seres humanos são problemas supra-organismicos, de acordo com alguns como de grupo e de acordo com outros de sociedade.

A lingüística estuda os diferentes sons da língua, as diversas formas da língua, a atribuição de significados de formas da língua ou *semântica* e a mudança contínua e universal de termos ou palavras, a *etimologia*, além de outros problemas. Nestes dois mil e seiscentos anos, os vocábulos mudaram de significado principalmente (1) por *extensão*, quando um signifi-

cado vai se ampliar, como a caneta esferográfica de marca “bic” passar a ser uma “bic, e (2) por *restrição*, quando “hound”, designação antiga de qualquer cão em inglês, especializa-se vindo a ter o sentido de cão de caça. É interessante que todos os termos de *consciência* tiveram antes disso um significado exteriormente visível (Buck, 1949; Lyons, 1981).

Posso citar, como exemplo, as palavras que apresentam o acontecimento consciente do ser humano e de outros animais de percepção da “emoção”. Pelo nome de “emoção” há muitos estados diferentes. Portanto, “emoção” será um conceito amplo que engloba sentir alegria, sentir medo, sentir raiva e outros. Como existe esse significado comum?

Há um termo grego antigo “*splanxna*” que significava a sede única das diversas “emoções”. Mais tarde, ao ser utilizado para traduzir uma palavra hebraica, veio a significar a “emoção” tênue como a piedade, a compaixão. Entretanto, as palavras gregas mais usadas a partir do século V A.C. foram “*pathos*” e “*pathema*”. No início, queriam significar a experiência que cai sobre uma pessoa. Com o tempo vão adquirir o sentido de “emoção” genérica. Platão preferia a palavra “*pathema*”, Aristóteles a palavra “*pathos*”. Aristóteles, na “Retórica”, apresentou as diversas “*pathe*” que poderiam acontecer nos ouvintes comportando-se em relação ao orador.

Há no termo de passividade de uma coisa necessariamente o termo de atividade de outra coisa. Se uma pessoa é ativa, ela é ativa com relação a uma coisa passiva no exterior a ela. Da mesma forma, se ela for passiva, ela é passiva com relação a uma coisa ativa no exterior a ela. Portanto, o significado dado ao termo “paixão” em português carrega em si a enorme atividade cuja causa são movimentos exteriores a ela. Percebem-se aí dois significados que se opõem quanto à origem do movimento.

Cícero, no primeiro século A.C., achou que “*perturbatio*” é a melhor maneira de traduzir “*pathos*” do grego. No latim vulgar falava-se na paixão de Cristo utilizando “*passio*”. *Passio* deu origem ao italiano “*passione*”, ao francês “*passion*”, ao espanhol “*pasión*” e ao português “*paixão*”.

Havia outras palavras na língua latina, mas de origem não intelectual, que transmitiam aquilo que é “emoção” em português. Era, em primeiro lugar, “*affectus* e *affectio*”, que derivam do verbo “*ad-ficio*”, colocar numa certa posição física e moral, que, por sua vez, se forma de “*ad – em direção a – e facio, – ere*” – pôr, colocar. “*Affectio*” foi empregado pelos romanos no sentido de “emoção” positiva. Em segundo lugar, há a locução “*motus animi*”, isto é, literalmente movimento do espírito.

“*Affectio, affectus*” e “*passio*” passaram a ser utilizados como sinônimos pela maioria dos filósofos medievais. Entretanto, a existência de três palavras julgadas similares ensejavam, aos que sentiam necessidade, a realização de diferenciações semânticas. S. Agostinho, que viveu de 354 a 430, utilizava “*affectus*” como movimento da alma e “*passio*” como a subcategoria de movimentos da alma e de encontro à “natureza”. John Duns Scot, no século XIII, chamou de *passio* o ato que sai tendo por base o espírito e “*affectus*” o estado produzido no espírito por algo de diverso. Juan Vives, que nasceu em 1492 e morreu em 1540, chamava de “*affectus*” o equivalente de “emoção”. *Passio* seria um “*affectus*” muito violento. Descartes, que viveu de 1596 e 1650, escreveu e publicou em latim e em francês. “*Passio*” ou “*passion*” seria o oposto de “*actio*” ou “*action*”. A “*passio*” ou “*passion*” na alma seria ação no corpo. Uma parte dessas *passions* são conhecidas como “*passions de l’âme*”. As “*passions de l’âme*” são “...percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que são relacionados a ela e que são causados, mantidos e fortificados por algum movimento dos espíritos”<sup>3</sup>. “Espírito”, para Descartes, seria a explicação fisiológica dos movimentos nos nervos. Alguns desses espíritos passariam pela glândula pineal no cérebro, local da interação entre corpo e alma. As “*passions de l’âme*” (1) seriam emoções da alma e (2) causados por movimento dos espíritos, representantes do corpo. Seria um estado corporal não identificado, já que é o ponto da união entre corpo e alma, como disse Alquié (Descartes, 1989 [1649]). Veremos, a seguir, as palavras “emoção” e “sentimento”, que são também utilizadas por Descartes.

3. Descartes, 1989 (1649), p. 974. Tradução minha do francês para o português. Grifei a palavra *espíritos*.

O sentido moderno de “emoção” vem do francês “*émotion*”. Havia uma locução latina “*motus animi*” que significava um movimento no corpo. “*Émouvoir*”, palavra francesa derivada do latim vulgar “*exmovere*”, significa simplesmente pôr em movimento, isto entre os séculos IX e XVII. A palavra “*émotion*” provém do verbo “*émouvoir*”. O sentido inicial é movimento, ao qual se acrescenta a agitação popular. O novo sentido figurado de “*émotion*” no século XVII elimina, com o tempo, o sentido original. Daí se espalha o novo sentido no inglês “*emotion*”, no rumeno “*emotiune*”, no italiano “*emozione*”, no espanhol “*emoción*” e no português “*emoção*”. Consultando dicionários brasileiros atuais “*emoção*” aparece apenas com o significado novo, como a primeira e a segunda edição do dicionário de Aurélio, o dicionário de Houaiss e a nova enciclopédia Larousse (Ferreira, 1963, 1986; *Grande enciclopédia Larousse cultural*, 1998; Houaiss, 1980). Entretanto, o dicionário português de Moreno (1948) começa a explicação de “*emoção*” como ato de mover, motim e desordem. Por último, há um galicismo: comoção, abalo moral.

Descartes fala de “*émotions de l’âme*” para representar na alma o obscuro movimento nas artérias. Nos séculos XVII e XVIII utilizam autores franceses as palavras “*émotion*” e “*passion*”. “*Passion*” é a “*emoção*”; “*émotion*” é entendido para indicar o movimento durante a “*passion*”. É isso que se nota na famosa Enciclopédia de Diderot e de d’Alembert de 1755. Na Inglaterra, de início, “*émotion*” significava migração, agitação física e agitação social. A seguir, sob influência francesa, passa a empregá-la como o aspecto móvel de “*passion*”.

Na segunda metade do século XVIII, “*passion*” francês e “*passion*” inglês adquirem gradualmente um novo sentido. Condillac, um filósofo francês, define “*passion*” como um desejo dominante que abafa todos os outros. Na mesma linha Lord Kames procura estabelecer uma distinção entre “*emotion*” e “*passion*” numa obra publicada em 1762. Ambos os vocábulos retratariam agitações da mente. O primeiro, “*émotion*”, uma agitação no qual o ser humano é totalmente passivo. No segundo caso, a

“*passion*”, uma agitação acompanhada de vontade. “*Emotion*”, que originalmente era principalmente movimento, passa a ser mais passivo do que *passion*. Os filósofos da escola escocesa no começo do século XIX adotaram a mesma terminologia. Essa maneira de pensar se difunde na literatura médica. Desta maneira o termo “*passion*” adquire um novo significado: o desejo violento e predominante.

Nenhuma palavra nas línguas germânicas mais antigas apresenta um campo semântico tão amplo como a palavra grega antiga “*pathos*” ou a palavra de origem latina “*affectus*”. Talvez, pode-se encontrar a palavra “*muor*” no alto alemão antigo como cobertura de diversas emoções. O significado principal do alemão do século XVI “*Gemüt*” é alma.

Como alemão há duas línguas: o alto alemão ou *Hochdeutsch*, falado na parte meridional da Alemanha, e o baixo alemão ou *Niederdeutsch*, falado na parte setentrional. No fim da Idade Média, a importância da literatura em alto alemão, mais os escritos de Lutero, estabeleceram o alto alemão como língua comum, e isto no século XVI. O baixo alemão representado por uma série de dialetos conhecidos como *Plattdeutsch*, tem ainda o flamengo e o holandês como membros. O holandês estabeleceu-se como língua oficial dos holandeses e dos flamengos, os habitantes da parte norte da Bélgica.

Lembrando o movimento presente na “*émotion*”, “*Gemütsbewegung*” é o movimento da alma. É assim que aparece em Leibniz, um filósofo que viveu de 1646 a 1716. É interessante, também, que no século XVII surge na Alemanha o neologismo *Leidenschaft* para traduzir “*passio*”, a partir do verbo “*leiden*”, que significa sofrer. Christian Wolff, filósofo discípulo de Leibniz e que viveu de 1679 até 1754, utiliza “*Leidenschaft*” para denotar passividade, o antônimo de ação. Kant, como veremos mais tarde, passa a designar a mesma coisa que Condillac chamava de “*passion*”.

Descartes definindo a “*passion de l’âme*”, chamava-a de percepção ou sentimento. O latim “*sensus*”, o percebido pelos sentidos, daria origem em todas as línguas neolatinas, incluindo o francês, “*sentiment*”. Descartes, não esqueçamos, achava que

a origem do “*sentiment*” pode provir do exterior – é o sentido mais comum de percepção – e pode provir de modificações nos “espíritos” dos nervos. “*Sentiment*” mantém esse significado no século XVII e XVIII. Houve entretanto um filho do século XVIII, Bonnet, que considera a sensação, “*sensation*”, puramente passiva, a mera imagem dos objetos. Entretanto, a comparação de dois objetos faz nascer um “*sentiment*”. O importante é que o “*sentiment*” daria origem a uma inclinação ativa em relação a um dos dois objetos. No linguajar inglês do século XVIII encontra-se o termo aparentado “*sentiment*”. Esse termo em uso desde o século XIV, significa sensação e também experiência pessoal. Sterne, um romancista inglês do século XVIII, chamava de “*sentiment*” um estado interno positivo e refinado. Este estado passou para o francês no adjetivo “*sentimental*” e no português como “*sentimental*”.

No entanto, a palavra inglesa mais utilizada para expressar o que os franceses chamam de “*sentiment*” é “*feeling*”. É uma palavra que deriva das línguas germânicas. Sua forma original é a sensação do tacto. Talvez ela se aparenta com o latim “*palma*”. Há palavras semelhantes como “*feeling*” em inglês, “*Gefühl*” em alemão, “*gevoel*” em holandês e “*folelse*” em dinamarquês. O significado de “*feeling*” se alarga com o tempo, passando a representar não só a sensibilidade táctil mas toda a sensibilidade do corpo, isto ao redor de 1400. A sua vagueza fez com que diversos filósofos do século XVIII a empregassem para indicar qualquer estado de consciência. Lord Kames, entretanto, limita “*feeling*” à denotação de prazer e de dor.

O destino do termo alemão é curioso. Para denotar o que hoje é denominado em português de *sentir*, usava-se na parte da Europa que falava alemão duas palavras diferentes. Os que falavam alemão médio ou *Mitteldeutsch* empregavam “*fühlen*”. Os que falavam alemão superior ou *Oberdeutsch* diziam “*Empfindung*”. Alemão médio e alemão superior são dois dialetos do alto alemão. Graças ao estabelecimento de contatos entre duas regiões lingüísticas diferentes, passaram a ser utilizados lado a lado para denotar dois significados próximos, porém dife-

rentes. Um dos significados serviu para indicar a experiência relacionada com os órgãos sensoriais. O outro significado serviu para indicar a reação subjetiva pessoal à impressão dos sentidos. Só que a maioria dos filósofos da escola de Wolff chamavam o primeiro significado de “*Empfindung*” e o segundo de “*Gefühl*”, enquanto os leigos procediam de maneira contrária, denominando de “*Gefühl*” o que os primeiros denominavam de “*Empfindung*” e de “*Empfindung*” o que os primeiros denominavam de “*Gefühl*” (Grimm e Grimm, 1897).

A filosofia alemã de fins do século XVIII com a proposição de “faculdades” da alma e sua enumeração em três, a saber, (1) o conhecimento, (2) a vontade e (3) o afeto, vem introduzir um novo significado a ser relacionado com os termos que estou discutindo. Mendelssohn, integrado no movimento de filosofia popular, chama a “faculdade” que nos interessa de “*Empfindungsvermögen*” ou afeto. É a capacidade de ser afetado agradável ou desagradavelmente. Tetens, proponente também de uma classificação triplíce, usa “*Empfindung*” ou “*Gefühl*” como sinônimos. Seriam rótulos a serem apostos a qualquer conteúdo de consciência envolvendo passividade da alma. Hissmann procede a uma diferenciação relativamente ao conjunto das impressões agradáveis, desagradáveis ou indiferentes. Um grupo incluiria “*Empfindungen*”, dependentes da visão ou audição, e outro grupo incluiria as “*Sensationen*” ou sensações, provindos dos sentidos mais grosseiros.

Immanuel Kant foi um filósofo que viveu de 1724 até 1804. Retornou à terminologia wolffiana. “*Empfindung*” designaria o conhecimento de um objeto sob o ponto de vista da matéria. Sob o ponto de vista da forma seria intuição pura. “*Gefühl*” não teria nada a ver com o conhecimento. Indicaria a natureza da relação entre objeto e sujeito. Kant é também defensor da existência de três faculdades da alma totalmente independentes. Duas delas têm alguma coisa com “emoção”: a faculdade passiva de ser afetado agradável ou desagradavelmente ou “*Gefühl der Lust und Unlust*” e a faculdade dinâmica, que alguns identificam com vontade ou “*Begehrungsvermögen*”. A vontade inclui “afetos” ou “*Affekte*”,

ocorrências violentas e rápidas, e paixões ou “*Leidenschaften*”, impulsos dominantes e demorados. Esta distinção entre “*Gefühl*”, “*Affekt*” e “*Leidenschaft*” teve influência marcante sobre a terminologia de autores posteriores.

A concepção kantiana de “*Gefühl*” reaparece na então nova psicologia experimental de Wilhelm Wundt. Designaria o elemento afetivo da consciência em contraposição ao elemento sensorial chamado de “*Empfindung*”. Wundt retira do vocabulário rótulos para designar as diversas combinações de elementos da consciência. Uma combinação de “*Gefühle*” seria denominada “*Gemütsbewegung*”. As “*Gemütsbewegungen*” poderiam por sua vez ser divididas naquelas que possuem uma estrutura temporal, com início, meio e fim, chamadas de “*Affekte*”, e nas que consistem basicamente numa combinação intensiva, os “*zusammengesetzte Gefühle*”. Estes últimos se prolongados no tempo receberiam o nome de “*Stimmungen*” ou disposições.

Titchener chama o elemento fundamental de “*affection*”. É interessante lembrar aqui que a palavra inglesa “*affection*” tinha sido usada por James Mill, o proponente da mais visão elementarista da consciência (Bloch e Wartburg, 1960; Buck, 1949; Dauzat, 1938; Engelmann, 1978; Ernout e Meillet, 1951; Machado, 1967).

Vocês viram o exemplo dos procedimentos da etimologia e da semântica, ambos membros da lingüística, que explicam como vocábulos algo diferentes significam o conceito geral de “emoção”. De outro lado, esses vocábulos eram utilizados em épocas diferentes e em locais diversos. É necessário olhar para cada época dentro das condições históricas específicas. Essa história ainda é diferente conforme o tipo de cultura na particular localização geográfica. Finalmente, em cada história e em cada cultura é necessário vislumbrar o que há de psicológico universal.

O uso da lingüística, da história e da psicologia redonda apenas em técnicas diferentes realizadas para uma procura comum: a modificação histórica de termos que indicam significados psicológicos.

## Referências bibliográficas

- Bloch, O. e Wartburg, W. von (1960). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*. 3ª ed. Paris: P.U.F.
- Buck, C. D. (1949). *A Dictionary Of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dauzat, A. (1938). *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Larousse.
- Descartes, R. (1989). Les passions de l'âme. Em: F. Alquié (org.). *Œuvres philosophiques. Tome III*. Paris: Bordas. (Edição original em 1649), pp. 939-1103.
- Engelmann, A. (1978). *Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática.
- Ernout, A. e Meillet, A. (1951). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. 3ª ed. Paris: C. Klincksieck.
- Ferreira, A. B. de H. (1963). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Grande enciclopédia Larousse cultural* (1998). Nova Cultural.
- Grimm, J. e Grimm, W. (1897). *Deutsches Wörterbuch*. Vol. 4. Leipzig: S. Hirzel.
- Houaiss, A. (org) (1980). *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil.
- Lyons, J. (1981). *Language and linguistics*. Cambridge GB: Cambridge University Press.
- Machado, J. P. (1967). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Confluência.
- Moreno, A. (1948). *Dicionário complementar da língua portuguesa*. Porto: Educação Nacional.